

Práticas formativas e avaliativas no ensino superior: Um estudo com alunos brasileiros

Joeci de Oliveira

Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil)
joeci.oliveira@ufsc.br

Maria Assunção Flores

Universidade do Minho (Portugal)
aflores@ie.uminho.pt

Resumo - Este estudo⁹ incide sobre práticas formativas e avaliativas no ensino superior, tendo como objetivo analisar, a partir da ótica discente, o modo como as avaliações se realizam e qual o seu caráter no curso de Odontologia de uma universidade pública brasileira e suas implicações nos processos de formação. Segundo Garcia (2009), a avaliação pode influenciar a forma como os alunos planejam e utilizam o tempo de seus estudos, repercutindo-se diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Destaca-se assim, a importância de investigar a natureza e âmbito das avaliações realizadas na educação superior, contexto em que se insere esta pesquisa. O estudo contou com a aplicação do questionário de Brown & Remesal (2012) validado e aplicado no contexto brasileiro. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da referida Universidade (parecer consubstanciado n. 1.748.474). A amostra foi composta por 413 alunos, regularmente matriculados no curso de 1ª a 10ª fase, com idade média de 22,52 anos, sendo 117 (28,3%) pertencentes ao gênero masculino e 291(70,5%) ao feminino. Os resultados apontam para a predominância de provas com questões abertas e de múltipla escolha, de notas por trabalhos escritos (79,6%), realizados em sala de aula (58,8%) e em grupo (73,9%). Como estudo preliminar observa-se que as práticas avaliativas seguem o modelo tradicional, ou seja, são de caráter classificatório gerando no corpo discente um descontentamento pedagógico.

Palavras-chave: ensino superior, avaliação, formação, ensino-aprendizagem.

Introdução

As universidades têm a função de produzir e socializar o conhecimento científico e técnico na busca da capacitação profissional com vista às demandas e à construção de uma sociedade plural. As nossas organizações pedagógicas bem como as avaliações que realizamos com os universitários fazem parte indissociável deste conjunto e estão diretamente relacionadas com a dinâmica institucional e seus elos com a sociedade em que se encontra e para a qual pretende atuar. Atualmente, as universidades almejam superar o conceito de educação como mera transmissão de conhecimento e focar no desenvolvimento do aluno capacitando-o para além das

⁹ Este trabalho foi realizado no âmbito do projeto "Assessment in Higher Education: the potential of alternative methods" (PTDC/MHCCED/2703/2014), financiado por Fundos FEDER, Programa COMPETE e Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

competências técnicas e científicas. É importante a capacidade de refletir, criticar e elucidar os cenários que lhe serão apresentados na sua futura vida profissional. Muitos destes cenários, ainda não conhecidos e vivenciados durante a sua jornada acadêmica, daí a imprescindibilidade da aquisição das competências críticas, reflexivas e humanistas para a elucidação com maestria e rigor técnico, ético e científico das possíveis situações ainda não experimentadas. Segundo Garcia (2009), a avaliação pode influenciar a forma como os alunos planejam e utilizam o tempo de seus estudos e, de uma forma mais ampla, como se desenvolvem na vida acadêmica e, por consequência, na futura profissão.

Como professora do magistério superior (primeira autora), lecionando em uma universidade pública há 25 anos no curso de graduação em Odontologia observo que devemos repensar nossas atividades, conteúdos pedagógicos, práticas de ensino e avaliação, bem como as tarefas didáticas que propomos aos estudantes. É preciso refletir e analisar à luz das mudanças sociais e políticas qual a contribuição que estamos realmente dando ao futuro profissional que passa por nossas mãos, pois só assim estaremos contribuindo para as demandas da sociedade atual.

Na área da saúde, como em outras, algumas indagações permeiam a reflexão docente: estamos realmente preparando e contribuindo de alguma forma para que esses futuros profissionais dirijam sua atuação para a transformação da realidade em benefício da sociedade? Estarão esses profissionais capacitados para a compreensão da realidade social, cultural e econômica do meio ou da população que vão atender? Terão uma visão holística às respostas necessárias para as futuras adversidades? A estas interrogações acrescem as competências técnicas e éticas que não podem ser dissociadas do processo. Na área da saúde são muitas as variáveis a serem levadas em conta no processo avaliativo principalmente nas disciplinas práticas, clínicas e de estágio supervisionado, onde todo o embasamento teórico pressupõe-se ter sido previamente adquirido. Historicamente, nossas avaliações se direcionam à capacidade do aluno em reter informação; são somativas, classificatórias, tratam todos os alunos de forma igualitária sem levar em conta o desempenho e a evolução de cada um. Na avaliação clínica as aferições são complexas e envolvem muitos elementos a serem considerados no processo, como por exemplo: exame clínico, diagnóstico, tratamento prescrito e executado, terapêutica e acompanhamento em escalas de execução, os quais podem ocorrer a curto, médio ou longo prazo. Ainda há que ter em conta as condições inerentes a cada caso clínico e a cada acadêmico envolvido nesse atendimento sem compará-los com seus pares. É essencial compreender a operacionalização das avaliações nos cursos de graduação em Odontologia, aferindo se a construção do conhecimento se efetivou, seja este teórico ou prático. Esta compreensão deve acontecer por parte do discente e do docente para que o curso possa atender as necessidades da sociedade para a qual esses profissionais estão sendo formados.

O objetivo do estudo que apresentamos nesta comunicação foi analisar, sob a ótica discente, as avaliações desenvolvidas no curso de Odontologia de uma universidade pública no Brasil e, assim, contribuir para o processo de ensino e aprendizagem centrado no estudante.

Metodologia

É um estudo transversal, sendo a amostra constituída pelos alunos regularmente matriculados da 1ª a 10ª fase no curso de Odontologia de uma universidade pública no Brasil no ano de 2016. Para investigar as perspectivas dos discentes foi utilizado o questionário de Brown & Remesal (2012) validado para o contexto brasileiro. O instrumento foi disponibilizado ao aluno que, individualmente, respondeu após ter assinado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da referida Universidade (parecer consubstanciado n. 1.748.474). Esta pesquisa integra uma investigação mais ampla sobre avaliação no ensino superior financiada através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Para as respostas foi usada a escala de respostas representada no quadro abaixo:

ESCALA DE RESPOSTAS	Abreviaturas
Discordo fortemente	DF
Discordo na maior parte	DMP
Concordo ligeiramente	CL
Concordo moderadamente	CM
Concordo na maior parte	CMP
Concordo fortemente	CF
Não respondeu	Não R

Quadro 1: Escala de respostas do questionário

Resultados

Os resultados apresentados são preliminares e parciais e dizem respeito às atividades avaliativas que o aluno entende ou identifica durante o curso, bem como a importância que atribui às práticas avaliativas vivenciadas durante o curso. Os dados foram analisados através software SPSS® 20.0. Fizeram parte do estudo 413 alunos, regularmente matriculados no curso de graduação em Odontologia da universidade pesquisada, de 1ª à 10ª fase. Os participantes possuíam idade média de 22,52 anos ($dp=\pm 8,63$), sendo que 63,6% dos participantes compunham a faixa de 19 a 23 anos. Em relação ao gênero, 117 (28,3%) pertencem ao gênero masculino e 291 (70,5%) ao feminino.

	DF	DMP	CL	CM	CMP	CF	Não R
É injusta %	6,5	21,3	29,8	25,4	11,1	4,6	1,2
Experiência envolvente e agradável %	49,4	32,9	11,4	4,6	0,7	0,2	0,7
Professores avaliam exageradamente %	2,2	18,4	29,8	20,1	16,7	10,2	2,7
Existe um bom clima durante a avaliação %	43,6	30,8	13,6	6,8	2,9	2,4	-

Tabela 1: Concepção discente sobre caráter das avaliações realizadas no curso

A maioria dos alunos não considera uma experiência agradável (49,4% e 32,9%), dizem que não há um bom clima durante as avaliações (43,6% e 30,8%) e ainda que a avaliação pode ser injusta (29,8% e 25,4%). Concordam (29,8% e 20,1%) que os professores avaliam exageradamente, reforçado pelos depoimentos discentes sobre as avaliações, apresentados a seguir:

Aluno 8: “Acredito que muitos professores ainda possuem conceito retrógrado de avaliação”

Aluno 9: “ Provas geram tensão e nervosismo.....”

Aluno 14: “Conteúdos decorados cobrados sem entendimento”

Aluno 17: “As avaliações perdem o caráter de aprendizado, me sinto apenas rotulado p/ ser aprovado ou não...”

É possível observar, a partir das percepções dos estudantes, o caráter autoritário das avaliações realizadas no curso, que são sobretudo de natureza classificatória. Associam-se com práticas onde o professor é o único a deter e transmitir as informações, numa relação vertical, do professor ao aluno, para medir a sua capacidade de reter as informações ou conteúdos apresentados. Este tipo de concepção percebida pelos alunos e demonstrada nesta pesquisa aponta claramente o caráter classificatório realizado no curso e que se afasta dos princípios norteadores do aprendizado centrado no aluno como defende Luckesi (2005). É preciso refletir sobre esta prática para que se possa sair da avaliação classificatória e avançar para uma avaliação formativa como defendem autores como Luckesi (2008), Silva e Mendes (2017), Almeida (2015), Machado (2007), Salomao e Nascimento (2015).

Struyven, Dochy e Janssens (2005) colocam que as percepções discentes sobre a avaliação influenciam diretamente os seus estudos, ou seja, a forma como o aluno pensa em aprender e estudar determina a sua abordagem às tarefas avaliativas, que acabam por interferir na sua aprendizagem. Esta mesma colocação é defendida também por Fernandes (2008), Alvares-Mendez (2002), Garcia (2009) e Brown (2004). De acordo com Rabelo (2015), os exames e testes convencionais aplicados com regularidade no ensino superior apontam os erros, deixando descobertos a sua análise ou entendimento propriamente dito. Culminam no ranking e classificação dos alunos para uma finalização onde encontraremos somente os que vão chegar e atingir as médias esperadas para o final do semestre, portanto sem nenhuma valia para

conceber, entender, analisar e pesquisar o que foi realmente apreendido pelos alunos.

Práticas avaliativas relacionadas	Porcentagem
Trabalhos em grupo	73,9%
Trabalhos escrito	79,6%
Prova com consulta	69,4%
Observações na sala de aula/clínica	57,5%
Prova em dupla	69,0%
Trabalhos realizados em sala de aula	58,8%
Prova com questões abertas e de múltipla escolha	89,0%
Professores avaliam desempenho SEM esclarecimentos com os alunos	73,0%

Quadro 2: Conceito discente de atividades avaliativas, alunos de 1ª à 10ª fase

Os alunos dizem que fazem provas com questões abertas e de múltipla escolha (89%), recebem notas por trabalhos escritos (79,6%), trabalhos realizados em sala de aula (58,8%) e em grupo (73,9%). Realizam prova com consulta (69,4%) e em dupla (69%). Entendem que são observados em sala de aula e clínica pelos professores (57,5%). Relataram que recebem notas sem, contudo, haver uma conversa ou entendimento do processo de aprendizagem e de avaliação com o professor (73%). Quando comparadas as respostas dos alunos das fases pré-clínica (1ª a 5ª) com as das fases clínica (6ª a 10ª), observa-se que as provas com consulta são instrumentos de avaliação nas fases pré-clínicas. Isto não ocorre nas fases clínicas (62,6% e 37,4% respectivamente, p valor=0,004) e as provas em dupla ocorrem nas fases pré-clínicas do curso (64,5% e 35,5% respectivamente, p valor=0,001). As observações em sala de aula/clínica como instrumentos avaliativos acontecem nas fases clínicas do curso (40,9% e 59,1% respectivamente, p valor<0,001).

Observa-se que a visão discente relativa à avaliação dos alunos deste curso de Odontologia é realizada por meio de provas, trabalhos escritos e observação clínica e em sala de aula. O processo caminha numa via de mão única, ou seja, do professor para o aluno. Não existe uma compreensão por parte discente (73%) sobre como o processo avaliativo se concretiza. As provas com consulta e em dupla acontecem com maior frequência nas fases de 1ª a 5ª e as observações docentes ocorrem nas fases de 6ª a 10ª. Como estudo preliminar observa-se que as práticas avaliativas seguem o modelo tradicional, ou seja, são de caráter classificatório gerando no corpo discente um descontentamento pedagógico. Estes dados suscitam implicações ao nível da formação pedagógica dos docentes, nomeadamente nas questões da avaliação de caráter formativo e no desenvolvimento de estratégias pedagógicas centradas nos estudantes.

Referências

- Almeida, Hélio Manguiera de. A didática no ensino superior: práticas e desafios. Estação Científica - Juiz de Fora, nº 14, julho – dezembro / 2015.
- Alvarez Méndez, Juan Manuel. Avaliar para conhecer: examinar para excluir. Porto-Portugal: ASA Ed, 2002.
- Brown, Sally. Assessment for Learning. Learning and Teaching in Higher Education, v. 1, p.81-89, 2004-05.
- Fernandes, Domingos. Avaliação das aprendizagens: desafios à teoria, práticas e políticas. Portugal: Textos Editores, 2008.
- Garcia, Joe. Avaliação e aprendizagem na educação superior. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 20, n. 43, p. 201-213, maio/ago. 2009.
- Luckesi, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo, Cortez, 2008.
- Luckesi, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem: visão geral. Entrevista concedida ao Jornalista Paulo Camargo, São Paulo, publicado no caderno do Colégio Uirapuru, Sorocaba, estado de São Paulo, por ocasião da Conferência: Avaliação da Aprendizagem na Escola, Colégio Uirapuru, Sorocaba, SP, 8 de outubro de 2005. Disponível em: <www.luckesi.com.br/artigosavaliacao.htm> . Acesso em: 18 julho 2017.
- Machado, Eusébio André da Costa. Avaliação e Participação: um estudo sobre o papel dos actores na avaliação da formação contínua. 2007. 279 p. Tese (Doutorado) – Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Salomao, Thais; NASCIMENTO, Mari Clais Moro. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NA PERSPECTIVA FORMATIVA E NA CLASSIFICATÓRIA. Anais: VI Simpósio de Pesquisa e Pós graduação em Educação. UEL, Londrina, outubro de 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanaeducacao/pages/arquivos/ANAIS/ARTIGO/SABERES%20E%20PRATICAS/A%20AVALIACAO%20DA%20APRENDIZAGEM%20NA%20PERSPECTIVA%20FORMATIVA%20E%20NA%20CLASSIFICATORIA.pdf>
- Silva, Natália Luiza Silva; MENDES, Olenir Maria. Avaliação formativa no ensino superior: avanços e contradições. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 1, p. 271-297, mar. 2017.
- Struyven, Katrien; Dochy, Filip; Janssens, Steven. Students' perceptions about evaluation and assessment in higher education: a review. Assessment & Evaluation in Higher Education, United Kingdom, v. 30, n.4, p. 331–347, ago. 2005.